

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO EM SCHOPENHAUER E NIETZSCHE

MEDEIROS, Gabriel Heidrich

ISP

ARALDI, Clademir Luís

ISP

1. introdução

O presente estudo visa à melhor compreensão das diferenças e semelhanças da temática do niilismo em Schopenhauer e Nietzsche. Sabe-se que toda a crítica realizada por Nietzsche à tradição filosófica tem um propósito que é o de denunciar o caráter moral de toda a especulação filosófica. Sendo assim, toda a metafísica com suas várias especulações sobre o mundo verdadeiro, liberdade, Deus entre outros, falsamente teria um caráter desinteressado como o defendem os metafísicos da tradição, mas um caráter interessado que é o da sua própria sobrevivência ao meio, é por isso a necessidade de seguir uma lei moral. O problema, segundo Nietzsche, é que os fundamentadores da moral restringem os instintos de intensificação da potência, e eles conseguem preservar a vida em longo prazo, mas ao custo de um longo “suicídio”. A metafísica colaborou na evolução do niilismo que é, para Nietzsche, a negação do querer viver, e que existe desde os gregos antigos (na forma de um niilismo epistemológico) até se chegar ao niilismo russo moderno, niilismo esse que possui um caráter ativo, destruidor e suicida.

Estes niilistas russos tinham em Schopenhauer o “seu filósofo”, pois segundo Nietzsche, encontravam nele a fundamentação para a total negação do querer viver. Para Schopenhauer, a vida é sofrimento, e não há como escapar disso, pois a dor é a essência da vida. Sendo assim, em Schopenhauer, a vida passa a ser um problema a ser combatido. Na metafísica Schopenhauriana, o princípio supremo do mundo é à vontade enquanto que todo o fenômeno é a representação. A vontade necessita elaborar o fenômeno para que possam haver barreiras (que são o próprio fenômeno) para a mesma, possibilitando assim seu

movimento. Sendo assim, o indivíduo não passa de um dos “tentáculos” da vontade no seu constate movimento, que o empurra para o mundo e para todo o sofrimento. A vontade é, então, o que sustenta todo o querer viver. Para o indivíduo, a única solução para o término do seu tormento é a negação da vontade, e isso ocorre ao se tornar puro sujeito do conhecimento na contemplação intuitiva da coisa em si¹. A total negação do querer viver possui por fim um objetivo moral inconsciente, segundo Nietzsche, que é o do não confronto.

Certamente, existe este caráter niilista em Schopenhauer, mas é necessário averiguar se ele pode ser considerado um niilista total, como defendem aqueles que se debruçam sobre a crítica Nietzscheana sem sequer averiguar se a mesma consta, existe na obra de Schopenhauer, ou se podemos colocá-lo num posto mais mitigado, ou seja, invés de um niilista estrito, um niilista relativo.

O niilismo, como sabemos, remonta aos cétricos da Grécia antiga. Porém, estes negavam a exatidão epistemológica, O que não é o caso de Schopenhauer, mas de Nietzsche. Portanto, nesse sentido, há uma forma de negação em Nietzsche, mas ela acontece pelo fato de que em sua tese toda a metafísica esta vinculada à moral, que é o que ele critica e tenta combater. A temática do niilismo se torna fundamental então para se compreender os motivos que levaram Nietzsche a formular a sua crítica à moral.

Nietzsche critica toda a metafísica tradicional, incluindo Schopenhauer, que era o seu antigo mestre, por causa de suas aptidões niilistas. Entretanto, vale lembrar a existência da negação nestes dois filósofos. Estudar como realmente estes autores “trabalharam” a questão do niilismo em suas obras facilita a compreensão de como a vida passou a ser o problema em Schopenhauer, e o niilismo a solução. Enquanto que em Nietzsche teve um movimento inverso, pois a vida deixa de ser problema para tornar-se a solução, deixou o status de problema para o niilismo.

O estudo da natureza real do niilismo em Schopenhauer e Nietzsche poderá auxiliar os estudantes que estejam interessados em compreender como ocorre à ruptura de Nietzsche com Schopenhauer. Possuindo, portanto grande valor acadêmico na área de filosofia.

¹ Categoria de formas que transcendem a capacidade cognitiva do sujeito.

A ética contemporânea consegue, de fato, fundamentar a moral mesmo sem alguns dos princípios absolutos da metafísica como, por exemplo, Deus. Além disso, também possui êxito em fundamentá-la sem que se necessite que o sujeito seja altruísta. Mas a ética contemporânea ainda apela muito para a necessidade da liberdade e de consciência do sujeito, que são por excelência temas metafísicos, e que a ciência contemporânea cada vez mais mostra que são uma ilusão. Por isso a crítica de Nietzsche a moral ainda deve ser estudada.

Nas obras de Nietzsche: *Aurora*, *A gaia ciência*, *Assim falava zaratrusta*, *Para além do bem e do mal*, *Genealogia da moral* e *O crepúsculo dos ídolos*; É que o conceito de niilismo aparece de forma mais explícita e que foram abordados no trabalho. Além da obra de Schopenhauer: *O mundo como vontade e representação*

2. metodologia

O trabalho de pesquisa foi realizado através de leituras analíticas, principalmente das obras de Nietzsche, nas quais o conceito de niilismo aparece de forma mais explícita: *Aurora*, *A gaia ciência*, *Assim falava Zaratrustra*, *Para além do bem e do mal*, *Genealogia da moral* e *O crepúsculo dos ídolos*. Além da leitura de obras e artigos de comentadores de Nietzsche como: Martin Heidegger, Muller-Lauter, Karl Löwith, Wolfgang, Scarlett Marton, Leon Kossovitch, Alberto Marcos Onate, Roberto Machado e Clademir Luís Araldi. Também foi realizada a leitura de alguns trechos das obras de Schopenhauer como: *o mundo como vontade e representação*, *Crítica da filosofia Kantiana* e *Parerga e Paralipomena*. Além de uma leitura atenta da dissertação de Mestrado *O niilismo de Schopenhauer* de Jarlee Oliveira Silva Salviano.

3. Resultados e discussões

A partir das análises até agora realizadas das obras dos autores se chegou à conclusão de que o niilismo é parcial em Schopenhauer, pois o autor possui um caráter negador em relação à vida, mas não da sua epistemologia. Já Nietzsche

não pode ser classificado como niilista em relação à vida, mas apenas epistemologicamente.

4. conclusões

Diferente do que parece sugerir a crítica Nietzscheana, Schopenhauer não é um niilista “completo”, mas APENAS “relativo”, enquanto que Nietzsche, por sua vez, escapa totalmente do niilismo em relação à vida, mas não em relação a sua epistemologia.

5. Referências bibliográficas

ARALDI, Claudemir Luís. *Niilismo, Criação, Aniquilamento*. São Paulo: Editora Discurso Editorial / editora UNIJUÍ, 2004.

SALVIANO, Jarlee Oliveira Silva *O niilismo em Schopenhauer*. 2001 Dissertação de mestrado em filosofia, Faculdade de filosofia, letras e ciência humanas, Universidade de São Paulo 12/12/2001; IDEM

NIETZSCHE, Friedrich A *Gaia Ciência*. São Paulo Editora Companhia das Letras 2007; IDEM

_____. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2007.

_____. *Assim Falava Zarathustra*. São Paulo Editora Vozes, 2007; IDEM

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo Editora Companhia das letras 2007;

_____. *Genealogia da Moral*. São Paulo Editores Guimarães & C. 1976;

SCHOPENHAUER, *O mundo como Vontade e representação*. São Paulo Editora Unesp 2005;

_____. *O mundo como vontade e representação (III parte), Crítica da Filosofia Kantiana, Parerga e Paralipomena (Capítulos V, VIII, XII, XIV)*. São Paulo Editora Nova Cultura 1999;

VOLPI, Franco *O niilismo*. São Paulo Editora Loyola 1999.